

Barragens do Capitalismo

Mais uma forma de atacar todas as vidas.

Alexandro Cardoso*

Resumo: Este presente artigo tem como objetivo, contribuir para uma importante reflexão sobre os crimes ambientais e sua íntima relação com o capitalismo, o qual para manter-se, precisa continuar aniquilando a natureza, explorando as trabalhadoras e os trabalhadores para obter lucro a todo custo e acumular riquezas. Neste contexto de lucro e acumulação de riquezas, os direitos das trabalhadoras e dos trabalhadores assim como preservação da natureza, são custos que afetam diretamente estes objetivos, logo, a luta de classes se dá pela defesa da natureza e de direitos, os quais, possivelmente só poderão ser conquistados com uma revolução no sistema capitalista.

Palavras Chaves: Capitalismo, Natureza, Trabalho, Direitos, Consumismo, Acumulação de Riquezas.

Introdução

Aquilo que seria apenas um conjunto de palavras, as quais tinham objetivo de dizer-lhes: Recicle, pois reciclando seus resíduos, diminuirá a quantidade de mineração, conseqüentemente de barragens e com muita certeza a destruição de vidas e da natureza; foi se tornando, palavra sobre palavra, frase sobre frase e depois parágrafos, transformando-se num importante artigo de reflexão - para mim - ao qual dediquei certo tempo, para de alguma forma organiza-las para lhe entregar a sua leitura e reflexão. Espero contribuir com suas ideias ou bagunça-las mesmo, o importante é que te movas tanto em reflexões como ações para minimizar os danos ambientais e sociais causados pelo sistema econômico imposto.

Boa leitura.

*Catador de materiais recicláveis, membro do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis - MNCR, estudante de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Barragens do Capitalismo: Mais uma forma de atacar todas as vidas.

Hoje, dia 25 de fevereiro de 2019, completa um mês do crime - crime e não desastre - ambiental causado pelo rompimento da barragem de mineração da empresa Vale, em Brumadinho - MG. Até agora, não realizaram nem as indenizações adequadas às pessoas afetadas e ao meio ambiente, muito menos, se prendeu os responsáveis, seguindo o mesmo caminho deixado aberto pela empresa SAMARCO em 2015, quando ocorreu crime idêntico, na cidade de Mariana-MG. Aquele episódio já deixou exposta uma das piores facetas do capitalismo, que tem o lucro e a acumulação de riquezas como principal objetivo, acima de tudo e de todos, inclusive da vida. O fato é que, sem culpados, não se reconhece os crimes e a consequência disso é deixar um caminho aberto para outros crimes a exemplo desses, serem cometidos.

Impossível não refletir sobre o capitalismo e o consumismo, anterior ao caso das barragens e da mineração, com grandes empresas capitalistas “lavando” nosso solo em busca de preciosos metais que depois serão comercializados no mundo inteiro. Para os capitalistas está tudo resolvido como se pode ver neste esquema: Extraem (destruindo o solo e as florestas, matando os animais, mudando ecossistemas) os minérios aqui do nosso país, usam e exploram a mão de obra daqui, deixando todos os resíduos e problemas ambientais aqui, somente levando os minérios e acumulando riquezas. Simples e bem esquematizado. Ora, porque reclamar? Não é assim que acontece com a extração de madeiras na Floresta Amazônica, com o Gado de Corte, com a Soja? Não foi assim que a maioria dos nossos representantes, os deputados decidiram fazer com o Pré Sal?

Mas de onde vem este “esquema”, este sistema econômico? Porque ele é assim? Porque somos apenas isso? Existem muitas explicações, uma delas pode se dar por esta frase do dramaturgo romano Platus (254-184 a.C.), “*homo homini lúpus*” que torna-se uma das afirmações do filósofo inglês Thomas Hobbes em seu livro *Leviatã*, que

significa: “O homem é o lobo do homem”, ou seja, o homem vive em estado de guerra com os outros homens, sendo o único capaz de atentar contra sua própria espécie, numa lógica de os fins, justificarem os meios. (HOBBS, 1651)

O conteso econômico de desenvolvimento no Brasil é muito parecido com outros países da América Latina e África, com diferenças, claro, mas com muito mais igualdades. Somos dentro do esquema, considerado países subdesenvolvidos, ou seja, somos produtores de mão de obra barata que pode ser entendida por ter trabalhadores com menos direitos, produtor de alimentos e produtos/comodities que depois serão industrializados e usados pelos países desenvolvidos, principalmente da América do Norte e Europa. Se está ruim pra nós, imagina para nossos irmãos do continente de nossos antepassados, a África, onde querem a todo custo, além da dita exploração, a tornarem como lixeira do mundo, atividade já proibida no Brasil e que já serviu de base um texto que escrevi em 2009. Podem acessar neste link quem desejar (<http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/brasil-ainda-recebe-o-lixo-da-europa>).

Cada vez mais, mergulhamos numa infinidade de produtos e novos produtos, precisamos deles para trabalhar, dormir, estudar, viajar, para nossa alimentação, diversão, comunicação... Os produtos acabam sendo fundamentais dentro deste arranjo social em que vivemos, sendo impossível viver sem eles. São aos milhares, e todos os dias somos bombardeados de propagandas (compre, compre, compre), sempre produtos “cada vez mais essenciais” para podermos viver. Por vezes nos perguntamos: “Como vivíamos sem estes produtos? Smartfone, sacola plástica, máquina de lavar”. Numa lógica de transformação do *habitus* ou capital cultural incorporado, termos bourdesianos do sociólogo Pierre Bourdieu, ao qual refletem nossa realidade vivida, nosso sentido e objetivos, mudando nossa forma de pensar.

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência que produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações

necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BORDIEU, 2011a,p. 87)

Sem os produtos e a tecnologia que os movimentam, com certeza voltaríamos a era pré-histórica e conseqüentemente não teríamos casas confortáveis, meio de transportes ágeis, a comunicação seria escassa, não teríamos quase nada a não ser uma frágil forma de viver. Provavelmente a taxa de mortalidade infantil cresceria inexoravelmente, a vida seria muito mais difícil e a morte muito mais próxima. As invenções de produtos e tecnologias contribuíram muito para os seres humanos evoluírem.

São necessárias matérias primas para a fabricação destes produtos, ou seja, de minérios, petróleo, terra, plantas, animais, entre outras, mas principalmente a força de trabalho da mulher e do homem. Tudo isso para melhorar, dar conforto e até mesmo salvar vidas. Racionalmente sabemos que não podemos viver sem alimentos, sem água, sem casa, sem roupas, mas de onde vem tudo isso?

Todos os produtos assim como os meios de produção, inclusive os seres humanos, podemos compreender como natureza, dela extraímos tudo para viver e o que devolvemos? Resíduos, rejeitos, todo tipo de poluição. Algumas frases para contribuir na nossa reflexão se fazem importantes para compreensão disso tudo que devolvemos ao planeta. Usamos, vestimos, comemos e destruimos. E o que mesmo devolvemos?

Esta frase histórica de um autor desconhecido “Do ponto de vista do planeta, não existe jogar lixo fora: porque não existe fora”, nos faz perceber a ideia planetária, de que a destruição da natureza, a poluição, a destinação dos resíduos, ocorrem dentro do próprio planeta. O pensador Fabricio Favoretto destaca “O homem não vive sem a natureza, mas a natureza vive sem o homem”, ou seja, precisamos da natureza para sobreviver. Tudo faz parte da natureza. Buscarei facilitar a nossa compreensão do todo, explicando esta natureza em três estágios: Primeira, Segunda e Terceira Natureza.

No estágio um ou primeira natureza, podemos considerar como natureza virgem e natural, aquela que ainda não foi transformada, ou

seja, o petróleo, as águas, as florestas, o solo, os animais... Lógico que pode haver a ação da mulher e do homem, ou seja, ação do trabalho também neste estágio, a ideia central aqui é facilitar a compreensão.

A segunda natureza inclui os processos de transformação pela ação da mulher e do homem, ou seja, a transformação através do trabalho. A primeira natureza então, torna-se produtos, as árvores transformam-se em papéis, madeiras, alimentos, do petróleo, os plásticos, combustíveis, do solo, os metais e assim sucessivamente.

A terceira natureza, podemos compreender como os resíduos e rejeitos desta transformação, mudança de estágio da primeira para a segunda natureza, aquilo que foi rejeitado na transformação, que não podem ser comercializados como produtos, portanto não geram lucros, ao contrário, engendram muitos problemas e custos no seu manuseio, cuidado e tratamento. Neste estágio, podemos compreender além das barragens de mineração, a poluição, como também os resíduos sólidos. Exatamente tudo que transformamos em produtos, inclusive os rejeitos desta transformação, fazem parte desta natureza.

Infelizmente, dentro da lógica do sistema, os capitalistas o tempo todo tentam e inúmeras vezes conseguem, mudar ou burlar as leis, para de todas as formas economizar os custos e aumentar os lucros e a concentração de riquezas. Ter cuidado (leis ambientais) na transformação da primeira natureza e depois recuperar a degradação significa custos, logo ataca o lucro, torna-se então, prejuízo.

Na segunda natureza tem as leis trabalhistas, ou seja, na transformação da natureza em produtos, entra o custo da mão de obra e os direitos das trabalhadoras e dos trabalhadores, quanto mais direitos, mais o capitalista terá de pagar. Quanto mais valorizados, menos alienados estarão as trabalhadoras e trabalhadores, conseqüentemente maiores são os custos dos capitalistas.

Na terceira natureza, o problema é maior, pois nem sequer inferem que todos os rejeitos se originam pela transformação, pois são compreendidos simplesmente como "lixo", rejeitos que causam doenças e inúmeros problemas, desta forma ninguém quer perto de si, preocupam-se e refletem somente quando ocorre catástrofe, deslizamentos,

enchentes dos rios, poluição dos mares ou meramente quando o caminhão não recolhe o “lixo” de suas casas. Isto é tudo que o sistema queria.

Esta lógica de não pensar em tudo como natureza, ignora a compreensão da transformação através do trabalho, esta lógica foi moldada ao longo dos séculos, passando por períodos de transfigurações na produção, mudanças na jornada de trabalho, nos direitos das trabalhadoras e trabalhadores, até chegar aos dias de hoje, que tentam sistematicamente a todo custo retirem direitos, denominados pelos políticos capitalistas de flexibilização. Se atacam os direitos das trabalhadoras e trabalhadores que podem usar da sua força de se defender ou simplesmente pararem a produção, imagina então o que fazem com a primeira natureza?

Da natureza então, a qual nos inclui enquanto seres humanos, único capaz de transforma-la através do trabalho, gerando a vida e conseqüentemente também a morte, sendo que neste nosso intervalo entre vida e morte, utilizamos produtos para viver, entretanto, a forma de transformação da natureza imposta se dá pelo capitalismo, sistema predatório e explorador, enraizado pela revolução industrial.

O capitalismo é um sistema econômico, cultural e social baseado na legitimidade da propriedade privada, na concentração de recursos e domínio dos meios de produção, concentrado nas mãos de organizações capitalistas, empresas privadas, que dominam os recursos, pagando salários as trabalhadoras e aos trabalhadores por um determinado tempo, pela força de trabalho empregada na transformação da natureza em produtos, legitimado dentro de um conjunto de leis, políticas e regras “frágeis”, pois facilmente o sistema burla, rompe ou simplesmente muda, quase sempre em detrimento dos capitalistas, que inclusive dominam o estado, indiferente da forma de governo vigente. Este sistema tem como objetivo principal, acumular riquezas, transformando tudo na natureza em produtos que possam ser comercializados, inclusive ceifando vidas e aniquilando a natureza, garantido sempre pela livre concorrência, pela “mão invisível do mercado”, terminologia de Adam Smith, filósofo e economista britânico, nascido na Escócia. (Adam Smith, 1776)

O capitalismo rapidamente se torna o sistema dominante, substituindo o sistema de produção manual, artesanal e de trocas, estruturando-se dentro da revolução industrial, principalmente após as grandes guerras, ou seja, baseado em violência, legitimidade e tecnologia de produção em massa, a propriedade vai sendo concentrada nas mãos de poucos, que a partir daí, lucram e gozam de direitos, em detrimento das maiorias e da natureza que passam a ser apenas um meio, para que os capitalistas atinjam seus objetivos a qualquer custo, nem que seja com a morte e a destruição da natureza, inclusive de país para país, de povos para povos, de capitalista para capitalista, tornando a vida, apenas mercadoria, numa grande concorrência, onde quem não explorar, fica quase sem opção, tornando-se na maioria dos casos, apenas um ser explorado, descartado.

Para dar certo, este sistema introjetou a ideia do 'não valor' à natureza, ou seja, ela é gratuita e serve apenas para satisfazer os homens, estes podem e devem fazer com ela o que bem quiserem. Neste pensamento, a natureza era infinita, ou seja, se regenerava. Desta forma, com a natureza se regenerando e sem valor, o capitalista, através de sua propriedade privada legitimada, poderia explorá-la desenfreadamente, sem limites, para vender, fazer negócio, gerar lucro e acumular riquezas através de empresas capitalistas, bem como na dominação do estado, não importando se o seu sistema político de governo é autoritário ou democrático.

Além da natureza, o ser humano também é transformado em produto, desta forma, o ser humano é coisificado, (Karl Marx) ou seja, tratado então como coisa, bem como a sua capacidade de produção. O ser humano passa a ser pago em dinheiro por um determinado tempo de trabalho ou quantidade de produtos produzidos, dinheiro que serve apenas para o trabalhador viver por um determinado tempo. Este tempo é limitado por leis, as quais lhe garantem que possa minimamente subsistir, sendo obrigado a continuar trabalhando, para não deixar de viver. O trabalho desta forma não serve para dignificar a trabalhadora, o trabalhador. Serve apenas para mantê-lo vivo, com suas necessidades básicas, força e capacidade para ser obrigado a voltar a trabalhar, se quiser manter-se vivo. Dentro do sistema capitalista, o trabalho torna-se

então, uma forma profunda de desumanização, realizada pela ação do homem sobre o homem e do homem sobre a natureza, ficando restrito a poucos homens o privilégio desta ação, em detrimento da maioria, tornando historicamente todo o sistema injusto, predador e acumulativo, indiferente da justiça legal, seus códigos e suas leis.

Marx aponta que através do trabalho também se estrutura a luta de classes, mostrando a estreita relação entre forças produtivas e de produção. A produção material se dá pelas relações sociais e nesta lógica, a transformação da natureza pelo trabalho da trabalhadora e do trabalhador, bem como a estruturação e a mudança do sistema econômico, a destruição ou defesa da natureza são contraditórias, logo, podem ser revolucionadas. (Marx, 1976)

A forma de transformação da natureza em produtos, Karl Marx chamou de alienação (do estranhamento do trabalhador para com outro, do trabalhador para com o produto, do trabalhador com a natureza, do trabalhador com ele mesmo), acomodando o trabalhador que passa a uma situação de agradecer ao capitalista e a situação que se encontra, ao invés de se unir com outros trabalhadores e lutar pela revolução. (Karl Marx, 2004)

Chegamos ao ponto em que a natureza e tudo mais se transforma em comércio, não tendo nada a ver com conforto, salvar vidas, e todos os blábláblás que os capitalistas inventam e nos despejam diariamente através de suas propagandas. Ou seja, o sistema capitalista destrói a natureza e explora as trabalhadoras e os trabalhadores exclusivamente por ganância, por lucro, por dinheiro. Se o ser humano tem capital econômico, se tem dinheiro ele tem acesso, meios, leis, proteção e o estado está a sua disposição e defesa. Se não tem dinheiro, mesmo produzindo, não têm nada. Não tem nem mesmo direito ao próprio produto do seu trabalho e nem mesmo ao direito de ter direitos, sendo inclusive perseguido pelo estado efetivando o termo smitiano "Dinheiro é poder". (Adam Smith, 2018)

Desta forma, ao nascer, o ser humano já tem, quase sem exceções, um caminho traçado de certa forma, uma vida escolhida e deliberada pelo sistema, já tem uma disposição de pensar, trabalhar, agir, de forma a entender e internalizar o sistema, dentro de uma lógica subjetivada, onde

compreende que é impossível um outro sistema ser possível. Nesta lógica é que se interioriza o sistema, fazendo com que o conjunto dos seres humanos, busque então a felicidade, através da conquista de produtos, os quais ele mesmo produz, mas que poucos terão acesso e desta forma, nos diferenciando uns dos outros.

No capitalismo, duas questões tornam-se problemas estruturantes e não é a morte do trabalhador e muito menos a destruição da natureza, por mais inacreditável que possa parecer, pois o trabalhador é substituível e a natureza ainda sobrevive, cada vez menos, mas sobrevive.

Uma delas é a questão dos direitos das trabalhadoras e dos trabalhadores, pois afeta diretamente os objetivos do sistema, ou seja, quanto mais direitos quem trabalha têm, menor é o lucro e a acumulação de riquezas dos burgueses capitalistas, pois terão que pagar mais dos excedentes aos produtores de seus produtos, ficando com menor lucro. Mesmo que o pagamento dos direitos saia da produção das trabalhadoras e dos trabalhadores, dentro do excedente entre direitos e lucro, está a mais valia, também um termo de Karl Marx, que usa para explicar a exploração dos burgueses capitalistas sobre as trabalhadoras e trabalhadores. A outra é representada pelos aspectos legais do trabalho, as leis trabalhistas, que garantem o valor do salário mínimo, piso salarial, tempo para descanso, além de outras obrigações que as empresas contraem desde a implantação do seu negócio como por exemplo, as leis ambientais.

Para o enfrentamento destas questões-problema, os capitalistas agem tentando comprar (financiando) a burguesia, tanto os políticos governantes, legisladores e juizes, seduzindo organizações de trabalhadoras e trabalhadores como os sindicatos e suas centrais, mudando leis e aplicando políticas de flexibilização dos direitos trabalhistas, ameaçando sempre fechar suas fábricas mas nunca suas empresas, se os governos não cederem, mudando as leis e se as organizações das trabalhadoras e trabalhadores e não se submeterem aos seus belos caprichos.

Os burgueses capitalistas, agem e dominam governos, consolidando suas mudanças estruturais no Estado, fazendo-as serem aceitas pela maioria da sociedade, induzindo através das grandes mídias,

que são nada mais nada menos do que empresas capitalistas a serviço dos burgueses capitalistas. Seus objetivos são de informar, à sua maneira os cidadãos, buscando sempre o controle ideológico das trabalhadoras e trabalhadores, além de ofertarem incessantemente seus produtos (compre, compre, compre).

A mudança junto aos governos e aos sistemas de justiça foi o de tirar o termo “cidadão” dos seres humanos, que significava os sujeitos serem dotados de direitos, implantando o termo consumidores, deixando clara a internalização do sistema dentro da gestão do estado, que passa a dar proteção, garantia de direitos e valorização, apenas aos sujeitos consumidores que vivem do lucro, tem acúmulo e concentração de capitais, aqueles que tem a capacidade de comprar. Com isso, sobra para a maioria, trabalhadoras e trabalhadores assalariados, que seguem vivendo sem a proteção do estado, numa incessante luta de classes para garantir minimamente seus direitos, mesmo sofrendo todo tipo de violência.

As formas de exploração da natureza, da mulher e homem através do trabalho se dão cada vez mais tecnologicamente, ou seja, cada vez mais rápidas e “eficientes”. Tanto que se planeja cada “produto” de uma forma e logo adiante se fabrica outro melhorado, deixando aquele, obsoleto. Se planeja tudo. Seu desenho (designer), tecnologia, fontes alimentadoras, utilidade, formas de montar, logística, distribuição, onde e para quem vender, ou seja, se planeja quase tudo, até mesmo quanto será investido, quais problemas enfrentarão e os potenciais de acúmulos. Mas e os resíduos, que são sobras da transformação dos produtos, como a lama tóxica das barragens, ou mesmo, os resíduos/rejeitos pós consumo, a terceira natureza, ainda está longe de estar neste planejamento. Isso não ocorre em todos os países, mas naqueles que são dados como “seleiros” ou “lixeiros” do mundo.

Cada vez com mais se planeja a obsolescência programada, sendo que os produtos servem mais, ou seja, são mais úteis e indispensáveis, só que por muito menos tempo, sendo necessária a reposição (compra) de novos produtos. Isto é para girar o sistema, para que funcionem suas engrenagens e alcance seu objetivo. Lá se vêm de novo a extração, ou seja, aniquilação da natureza e a exploração da trabalhadora e do

trabalhador, num ciclo interminável de ampla exploração do homem sobre o homem, perpetuando uma lógica perversa que tem como único caminho, a imposição da morte.

Com este sistema, os ditos países de terceiro mundo ou mesmo os chamados “em ascensão”, através de acordos políticos ou traição da pátria (assim como FHC fez em seu governo com a venda da Vale, como tentam, os políticos burgueses, a todo custo, privatizarem o Banco do Brasil, Petrobrás e outras estatais) fazem a entrega de patrimônios nacionais, para virarmos apenas produtores de commodities. Isso significa que iremos explorar ao máximo nossa natureza (recursos naturais) e a mão de obra (trabalhadoras e trabalhadores) com os direitos sendo atacados, como ocorre na apresentação de projetos que tem como objetivos reformas trabalhista e previdenciária, deixando muito claro que as trabalhadoras e trabalhadores podem ser explorados até a morte.

Estes crimes, como em Brumadinho e Mariana, conforme a “Carta Pública Vale de Ganância e Sangue! Vai continuar?”, assinada por mais de 40 organizações que foram atingidas pela lama tóxica da barragem da Vale, em Brumadinho que afirma “As tragédias/crimes em Mariana e Brumadinho mostram a falência do sistema vigente quanto ao processo de “regulação” do setor minerário. O licenciamento ambiental apenas promove a legalidade das empresas, autorizando formas de exploração que são verdadeiras catástrofes”.

Ações como a diminuição do consumo de embalagens, a reciclagem, a compostagem de resíduos, a compra direta dos produtos locais, principalmente artesanais e familiares, a utilização máxima dos produtos, economizando energia, protegendo as águas e o meio ambiente, por si, fazem parte de uma estratégia geral de luta contra o sistema capitalista. Ou seja, a mudança deste processo de exploração e destruição da natureza é sistêmica, sendo a principal forma de manutenção do sistema capitalista. Na prática, sem estes preceitos, o sistema praticamente se inviabilizaria. Claro que os burgueses capitalistas, a cada crise, criam novas formas de manter o sistema ativo e vivo. Entretanto há a luta de classes, que ecoa em todo o mundo, pela revolução do sistema, tornando-o socialista. Dessa forma, a economia seria solidária, tendo como principal função priorizar a vida e a defesa do

planeta, invertendo a concentração de riqueza e atuando na sua distribuição.

Bibliografia:

Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. 2. ed. Tradução por Eunice Ostrensky. s. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

O senso prático. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

Karl Marx e Friedrich Engels, Texto 2, ed. Edições Sociais, 1976.

Karl Marx, Manuscritos Econômicos-filosóficos, ed. Boitempo, SP, 2004.

Adam Smith, A Riqueza das Nações, ed Madras,SP, 2018.

Blog Racismoambiental, Carta Pública Vale de Ganância e Sangue! Vai continuar?". Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2019/02/21/carta-publica-vale-de-ganancia-e-sangue-vai-continuar/>> Acesso em: 25 de fevereiro de 2019